

O poder da fé que cura: Fracasso dos discípulos e autoridade de Jesus a partir de Mc 9,14-29

*The power of faith that heals:
The disciples' failure and Jesus' authority
according to Mark 9:14-29*

Heitor Carlos Santos Utrini

Resumo

O artigo explora a atividade exorcística de Jesus e a incapacidade dos discípulos em realizar a expulsão de um espírito impuro, conforme relatado em Mc 9,14-29. O ponto de partida é o estudo do contexto religioso da época e como isso influenciou a percepção da autoridade de Jesus e a questão dos milagres. O foco principal da análise do artigo é a compreensão do conceito do Reino de Deus e a relação entre Jesus e seus discípulos. A inauguração do Reino não é fruto da atividade humana, mas tem origem no próprio Deus e deve ser acolhido como um dom por parte dos homens. Ele traz consigo uma série de consequências positivas para a vida das pessoas, dentre as quais, a eliminação das forças que agem para perturbar a vida humana. Além disso, o artigo explora a gradual inclusão dos discípulos no ministério de Jesus, evidenciando a falta de entendimento e a incredulidade deles em relação ao projeto de Jesus, especialmente durante os anúncios de sua paixão. O fracasso dos discípulos em exorcizar um espírito impuro ressalta a ideia de que a fé em Jesus e a oração são fundamentais para a ação divina.

Palavras-chave: Autoridade. Exorcismo. Discipulado. Cura. Evangelho de Marcos.

Abstract

This article delves into the account of Jesus' exorcism and the disciples' inability to expel an unclean spirit, as documented in Mark 9:14-29. It begins by examining the religious context of the time and how it shaped the perception of Jesus' authority and the concept of miracles. The central focus of the article's analysis is the understanding of the Kingdom of God and the relationship between Jesus and his disciples. The establishment of the Kingdom is not a result of human effort, but originates from God himself and must be embraced as a gift by humanity. The Kingdom brings about a range of positive impacts on people's lives, including the expulsion of forces that disrupt human existence. Additionally, the article explores the gradual involvement of the disciples in Jesus' ministry, emphasizing their lack of understanding and skepticism towards Jesus' mission, especially during his predictions of his suffering. The failure to exorcise an unclean spirit underscores the idea that faith in Jesus and prayer are essential for divine intervention.

Keywords: Authority. Exorcism. Discipleship. Healing. Gospel of Mark

Introdução

A atividade exorcística de Jesus está bem fundamentada, seja a partir dos evangelhos sinóticos, que apresentam inúmeros milagres desse tipo¹, seja nos Atos dos Apóstolos², e seja ainda nas fontes extrabíblicas, como é o caso de Flávio Josefo³. Nesse sentido, Jesus está perfeitamente inserido no contexto religioso de seu tempo, pois havia uma crença geral de que a vida dos homens estava sujeita à ação maligna de determinados espíritos. Assim sendo, a prática do exorcismo também é testemunhada no ambiente

¹ Além do episódio da tentação de Jesus por Satanás no deserto (Mc 1,12-13), o evangelista descreve um total de cinco cenas de exorcismo ao longo da narrativa: a cura do endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum (1,21-28), curas diversas junto ao lago (3,11-12), o geraseno (5,1-20), a filha da siro-fenícia (5,24-30) e o menino epilético (9,14-29).

² *Em seu discurso kerygmático na casa do centurião Cornélio, Pedro apresenta nesses termos o ministério de Jesus: "Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, ele passou pelo mundo fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele" (At 10,37-38).*

³ *"Nessa época viveu Jesus, um homem sábio, se é que se pode chamá-lo de homem (εἶγε ἄνδρα αὐτὸν λέγειν χριστή); na verdade, ele realizou obras extraordinárias, ensinou homens que acolheram com alegria a verdade e convenceu muitos judeus e gregos" (FÁVIO JOSEFO, Ant. 18,63).*

religioso judaico⁴. Contudo, em nenhum lugar Jesus é chamado de “exorcista” (ἐξορκιστής) ou sequer o verbo “exorcizar” (ἐξορκίζω) aparece nos evangelhos⁵.

Dessa forma, pode-se afirmar, de maneira bastante segura, que Jesus esteve envolvido com esse tipo de prática e a igreja primitiva via aí um importante traço de seu ministério. Os próprios adversários de Jesus se serviam desse fato para acusá-lo de magia. Acreditava-se que o exorcista devia manter algum tipo de relação com as forças ocultas⁶, razão pela qual ele foi acusado de estar possuído por Beelzebu e realizar curas em seu nome (Mc 3,22).

Certas enfermidades, sobretudo aquelas para as quais não havia uma causa física aparente, eram atribuídas a espíritos malignos. Tal era o caso da surdez e da mudez: embora o enfermo tivesse os órgãos dos sentidos aparentemente bem preservados, a disfuncionalidade era explicada recorrendo-se à influência espiritual. Da mesma forma, assim também eram vistas a loucura e a epilepsia. Este último caso era conhecido na antiguidade por *morbus sacer* (“doença sagrada”), pois os acometidos por ela eram vistos sob a influência de seres perversos⁷.

O presente artigo pretende oferecer uma reflexão sobre o tema da autoridade de Jesus e dos discípulos a partir de uma cena clássica de exorcismo. Trata-se do caso do menino endemoninhado de Mc 9,14-29, conhecido por alguns como “o menino epilético”. Por questões de brevidade, o estudo não pretende entrar em todos os meandros do texto bíblico oferecendo, por exemplo, um comentário exaustivo acerca da enfermidade que acometia o jovem. Não basta saber que a atividade exorcística de Jesus se fundamenta historicamente em seu ministério⁸. É importante distinguir entre o nível da história e o da narração. Afinal, o que o evangelista quer de fato comunicar quando relata casos de expulsão de espíritos malignos⁹? E não apenas isso: o foco da pesquisa é discutir sobre

⁴ O livro de Tobias relata a história da expulsão do demônio Asmodeu (Tb 8,1-3). A Salomão eram atribuídos poderes exorcísticos (Test. Sal. 1; FLÁVIO JOSEFO, Ant. 8,46-49), bem como a Davi (FLÁVIO JOSEFO, Ant. 6,166-169) e a Noé (Jubileus 10,1-13).

⁵ GONZÁLEZ FAUS, I., Jesús y los demonios, p. 500. A única exceção no NT é At 19,13, mas o vocábulo serve para indicar a atividade de exorcistas judeus.

⁶ GONZÁLEZ FAUS, I., Jesús y los demonios, p. 505.

⁷ A epilepsia era também conhecida como *puerilis passio* e sobretudo era vista como perigosa para os meninos, por ser neles mais recorrente (GNILKA, J., Evangelio según San Marcos, vol. II, p. 54). Mateus, por sua vez, emprega para o menino o termo *σεληνιαζομαι* (ser lunático), porque se acreditava que a enfermidade tivesse alguma relação com as fases da lua (*σελήνη*) (DONAHUE, J. R.; HARRINGTON, D. J., The Gospel of Mark, p. 277).

⁸ Sterling considera que o episódio se fundamente na vida de Jesus (STERLING, G. E., Jesus as exorcist, p. 492). Como recorda Achtemeier, a questão não é “o que é a realidade”, mas sim “o que funciona como realidade” num determinado contexto histórico. As pessoas reagem à realidade como elas a percebem e entendem (ACHTEMEIER, P. J., Miracles and historical Jesus, p. 488).

⁹ CASAS GARCÍA, V., Jesús, el exorcista, p. 29.

a incapacidade dos discípulos na realização de tal exorcismo. Ora, se em outras ocasiões eles foram bem-sucedidos (Mc 6,13), por que razão agora falharam miseravelmente? O artigo se subdividirá em três grandes partes: primeiramente, situará no ministério de Jesus a importância de sua luta contra o espírito do mal. Jesus de Nazaré não é um curandeiro como tantos outros que havia, mas sua atividade de exorcista se insere na dinâmica do anúncio e inauguração do Reino de Deus. A seguir, será apresentado o texto de Mc 9,14-29 com sua tradução e comentário das ideias principais. Por fim, e é este o escopo do estudo, será apresentado o tema da autoridade de Jesus e da razão para o fracasso dos discípulos.

1. O Reino de Deus e a luta contra os espíritos malignos

Desde o início de seu ministério público, Jesus comparece no Evangelho de Marcos como um pregador que anuncia a proximidade do Reino de Deus (1,15). Esse era o conteúdo central de seu ensinamento. Por meio de inúmeras parábolas (4,1-9.21-32) procurava ensinar aos discípulos o significado profundo do Reino. O termo βασιλεία, das 126 ocorrências nos Evangelhos, 20 comparecem em Marcos¹⁰.

Através dos discursos do Senhor, infere-se que o Reino não depende da atividade humana. “Os homens não criam, edificam, constroem, aumentam ou tornam presente o reino”¹¹. A sua origem remonta ao próprio Deus e deve ser acolhido pelo ser humano como um dom. Neste Reino, toda a humanidade é chamada a “entrar” (9,47), embora não se trate especificamente de um lugar. Ele não conhece confins geográficos ou políticos, raciais ou econômicos, de sorte que a adesão a esse projeto garante sua plena cidadania. Torna-se cidadão do Reino, quando os valores deste Reino são incorporados na vida do crente¹².

O conceito de Reino de Deus remonta às expectativas de Israel que alimentava a esperança de ver inaugurado um tempo de restauração e bem-estar para todo o povo (Is 44,24-28; 52,7-8). Este reino futuro, no qual a vontade de Deus prevaleceria, todos os inimigos seriam destruídos (Sl 47) e uma nova era de prosperidade e paz teria início (Is

¹⁰ Das 20 ocorrências, 14 vezes aparece na expressão βασιλεία τοῦ Θεοῦ (1,15; 4,11.26.30; 9,1.47; 10,14.15.23.24.25; 12,34; 14,25; 15,43). Uma vez diz respeito ao reino de Davi (11,10) e em outras cinco a outros reinos (3,24 [2x]; 6,23; 13,8 [2x]). É significativo que nenhum outro personagem deste evangelho use a expressão “Reino de Deus”, exceto Jesus, pois é apenas Ele que tem condições de revelar o que seja o Reino (GREEN, J. B., Kingdom of God/Heaven, p. 476).

¹¹ GREEN, J. B., Kingdom of God/Heaven, p. 468.

¹² Esta é a razão pela qual, com o anúncio da chegada do Reino, Jesus anuncia as condições de possibilidade para que o homem dele faça parte: “convertei-vos e crede no Evangelho” (1,15). O ingresso no Reino pressupõe um movimento que contraria certas tendências naturais, como o desejo de poder (10,13-16). Sem a conversão e a adesão pela fé à proposta de Jesus, é impossível assumir a lógica do Reino.

52,7; 44,1-6; Dn 7). Seria esse o momento da intervenção definitiva de Deus na história para salvar aqueles que lhe são fiéis.

A vinda de Jesus é entendida como a ação suprema de Deus que decididamente opera para salvar a humanidade. A salvação trazida por Jesus atinge o homem na sua totalidade: não apenas a alma é tocada pela graça, mas o homem visto em sua unidade substancial. Quando se perde de vista a dimensão do Reino e da inauguração dos últimos tempos realizada por Jesus, os seus milagres correm o risco de ser completamente desvirtuados em seu sentido profundo. Os milagres não são uma manifestação pura e simples de poder, não foram escritos para comprovar tão somente a divindade de Jesus (embora sirvam também para isso). Eles materializam as expectativas de Israel: finalmente a soberania de Deus é algo real e palpável.

Nesse sentido, as curas de Jesus, e mormente seus exorcismos, acenam para a vitória escatológica contra todas aquelas forças que oprimem e atormentam a humanidade. A literatura intertestamentária reserva grande espaço para esse combate cósmico escatológico entre Deus e seus exércitos contra as hostes do mal¹³. A comunidade de Qumran se entendia como um grupo de guerreiros que, sob a guia do Mestre da Justiça, combateria contra os inimigos de Deus¹⁴. A vitória sobre Satã estava reservada para os últimos tempos, de sorte que ao derrotá-lo durante seu ministério, Jesus indica que a consumação da história teve seu início.

O próprio evangelista Marcos, em diversas oportunidades, fala desse combate entre Jesus e Satã. O evangelho se abre com a cena clássica da tentação de Jesus no deserto (1,12-13). Embora não contenha tantos pormenores quanto as versões de Mateus e Lucas (Mt 4,1-11; Lc 4,1-13), Marcos conclui o seu relato dizendo que no deserto, Jesus “viviu entre as feras, e os anjos o serviam” (1,13). Há autores que veem nessa imagem uma alusão à condição inicial do homem antes do pecado, quando reinava a harmonia em toda a criação (Gn 2,4b-25), imagem que será resgatada por Isaías para descrever a situação do povo após a intervenção de Deus (Is 65,17-25)¹⁵.

O evangelista também fala dessa ação de Satanás para sabotar a implantação do Reino. Na explicação da parábola do semeador, descreve a situação daqueles que estão à beira do caminho nos quais a Palavra foi semeada: “são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatam a Palavra que neles foi semeada” (4,15).

¹³ Jubileus 23,29; 40,9; 46,2; 50,5.

¹⁴ A demonologia de Qumran é atestada em inúmeros textos. Havia a crença de que cada pessoa era regida por um anjo de luz e um das trevas, ambos enviados por Deus (1QS 3,13-4,26). O Documento de Damasco fala de pessoas que são potencialmente inclinadas a serem regidas pelos espíritos de Belial que pregam a apostasia (CD 23,2-3A). Há ainda orações de libertação (11Q5 19,1-18) e composições atribuídas a Davi (11Q5 27,2-11), dentre outras referências.

¹⁵ GNILKA, J., Evangelio según San Marcos, vol. I, p. 67. PÉREZ FERNÁNDEZ, M., Textos fuente y contextuales de la narrativa evangélica, p. 187.189.

Diante das acusações dos escribas de que Jesus estava possuído por Beelzebu e que ele atuava através do príncipe dos demônios, o Senhor manifesta a insensatez de semelhante crítica. Primeiramente, um reino dividido contra si mesmo não pode subsistir (3,24-26). Por fim, Jesus fala de um homem forte que foi amarrado e teve seus bens roubados (3,27). Essa imagem se refere a Ele mesmo e ao seu ministério: Satanás mantinha o homem prisioneiro, mas Ele é este mais forte que o derrota e pode retirar a humanidade de sua influência maligna.

Como se percebe, o ministério exorcístico de Jesus não pode ser visto de uma maneira estreita, como se fosse uma mera exibição de poder. Ao contrário, é dentro do quadro maior da luta escatológica da qual Deus sai vitorioso que eles são mais bem entendidos. É por isso que a cristologia marcana oferece a chave de leitura para uma correta compreensão de seus exorcismos. Em vez de serem uma ostentação de poder, os exorcismos assinalam a intervenção salvadora de Deus através de Cristo¹⁶.

Por fim, nunca é demais ressaltar que esse Reino trazido por Jesus se visibiliza plenamente não durante seus milagres, mas sim ao longo de sua paixão e morte. É nesse contexto que Jesus é apresentado como rei diante do sumo-sacerdote (14,61) e de Pilatos (15,2.9.12). Embora os soldados dele escarneçam vestindo-o com um manto vermelho e tecendo uma coroa de espinhos (15,17), é somente perante o mistério de sua maior fraqueza que sua identidade se manifesta plenamente (15,39)¹⁷.

2. O texto de Mc 9,14-29

O exorcismo do menino endemoninhado se encontra na primeira seção (8,31–10,52) da segunda parte do Evangelho de Marcos. Depois da transfiguração (9,2-8), descendo a montanha, Jesus discute com Pedro, Tiago e João acerca da vinda de Elias (9,9-13). É após esses episódios que o evangelista insere a narrativa de milagre, que pode ser entendida também como uma cena didática. Isso porque ela começa com uma instrução pública feita por Jesus, seguida por uma mudança de local e ensinamentos privados dirigidos aos seguidores mais próximos¹⁸. O texto se divide em quatro partes¹⁹. Cada uma delas será apresentada e brevemente comentada em seus aspectos principais. Maior destaque, evidentemente, será dado sobre o tema do presente estudo.

¹⁶ GONZÁLEZ FAUS, I., Jesús y los demonios, p. 506.

¹⁷ LEE-POLLARD, D. A., Powerlessness as power, p. 185.

¹⁸ SELLEW, P., Composition of didactic scenes in Mark's Gospel, p. 613.

¹⁹ Apesar de haver inúmeras possibilidades de estruturação da passagem, será seguida aquela de LÉGASSE, S., Marco, p. 460.

2.1. Jesus e a multidão (v. 14-20)

Καὶ ἔλθόντες πρὸς τοὺς μαθητὰς	14a	E tendo ido até os discípulos,
εἶδον ὄχλον πολὺν περὶ αὐτοὺς	14b	viram uma grande multidão ao redor deles
καὶ γραμματεῖς συζητοῦντας πρὸς αὐτούς.	14c	e uns escribas discutindo com eles.
Καὶ εὐθὺς πᾶς ὁ ὄχλος ἰδόντες αὐτὸν ἐξεθαμβήθησαν	15a	E, de repente, toda a multidão, tendo-o visto ficou surpresa
καὶ ἠροστρέχοντες ἠσπάζοντο αὐτόν.	15b	e, correndo, saudavam-no.
Καὶ ἐπηρώτησεν αὐτούς·	16a	E perguntou-lhes:
τί συζητεῖτε πρὸς αὐτούς;	16b	“O que discutis com eles?”

- Καὶ ἀπεκρίθη αὐτῷ εἶς ἐκ τοῦ ὄχλου¹. 17a E respondeu-lhe um da multidão:
- διδάσκαλε, ἦνεγκα τὸν υἱόν μου πρὸς σέ, 17b “Mestre, trouxe a ti meu filho
- ἔχοντα πνεῦμα ἄλαλον¹. 17c que tem um espírito mudo.
- Καὶ ὅπου ὅταν αὐτὸν καταλάβῃ 18a Em qualquer lugar que o tome
- ρήσσει ὁ¹ αὐτόν, 18b estraçalha-o
- καὶ ἀφρίζει 18c e espuma
- καὶ τρίζει²⁰ τοὺς ὀδόντας 18d e range os dentes
- καὶ ξηραίνεται¹. 18e e enrijece.
- Καὶ εἶπα τοῖς μαθηταῖς σου 18f Então, disse aos teus discípulos
- ἵνα αὐτὸ ἐκβάλωσιν, 18g que o expulsem,

²⁰ *Hapax* neotestamentário. No gr. clássico, o verbo τρίζω é usado sobretudo na forma intransitiva com o significado de ranger, em relação aos animais (HOMERO, *Od.* 24,7). Aqui o significado é transitivo causativo, correspondente a “fazer ranger”.

καὶ οὐκ ἴσχυσαν ^Γ .	18h	mas não tiveram força”.
ὁ δὲ ἀποκριθεὶς αὐτοῖς λέγει·	19a	Então, respondendo, diz-lhes:
ὦ γενεὰ ἄπιστος,	19b	“Ó geração incrédula,
ἕως πότε πρὸς ὑμᾶς ἔσομαι;	19c	até quando estarei convosco?
ἕως πότε ἀνέξομαι ὑμῶν;	19d	Até quando vos suportarei?
Φέρετε αὐτὸν πρὸς με.	19e	Trazei-o a mim”.
Καὶ ἤνεγκαν αὐτὸν πρὸς αὐτόν.	20a	E o trouxeram a ele.
Καὶ ἰδὼν αὐτὸν τὸ πνεῦμα	20b	E o espírito, tendo-o visto,
εὐθὺς ἔσυνεσπάραξεν αὐτό,	20c	de repente, contorceu-o
καὶ πεσὼν ἐπὶ τῆς γῆς	20d	e, tendo-o jogado por terra,
ἐκυλίετο ἀφρίζων.	20e	rolava espumando.

O evangelista descreve a cena com grande vivacidade. Jesus e os três discípulos que o acompanharam na transfiguração avistam os outros nove cercados pela multidão e por alguns escribas “discutindo” (συζητοῦντας) com eles (v. 14c). Não se sabe o conteúdo da conversa, mas o verbo já denota um tom acalorado de disputa. No grego clássico,

podia ter o sentido de “pesquisar”, “investigar”²¹ ou então “discutir”, “disputar”. Esse duplo sentido também se percebe em Marcos: eventualmente, pode indicar o discutir da multidão ou dos discípulos que tentam se colocar diante das ações de Jesus (Mc 1,27; 9,10) ou então, em sentido negativo, para indicar a discussão crítica e hostil dos adversários de Jesus. Certamente, é essa a acepção do vocábulo considerando-se os personagens envolvidos.

A reação da multidão é de surpresa ao ver Jesus. O verbo usado aqui é ἐκθαμβέω que denota “estupefazer-se”, “maravilhar-se”, “admirar-se”, “ser tomado de assombro”. É esse o sentimento experimentado por aqueles que viram Jesus realizar o exorcismo na sinagoga de Cafarnaum (Mc 1,27), dos discípulos após ouvirem o ensinamento referente ao perigo das riquezas (Mc 10,24.32), de Jesus no Getsêmani (14,33) e das mulheres diante do sepulcro vazio e do jovem vestido de branco (Mc 16,5.6). É provável que o sentimento aqui seja o do temor reverencial por aquilo que as multidões já conheciam acerca de Jesus²².

Quando Jesus pergunta sobre o motivo da discussão (v. 16b), um da multidão se adianta e apresenta o seu drama: ele tem um filho possuído por um espírito mudo (v. 17c). Após descrever os sintomas que o acometem quando está sob a ação de tal espírito (v. 18), o pai do menino afirma que o trouxe até os discípulos para que expulsassem o espírito, “mas não tiveram força” (καὶ οὐκ ἴσχυσαν, v. 18h).

Este versículo tem particular importância para o presente estudo por inserir o tema do fracasso dos discípulos na expulsão de espíritos impuros. O evangelista Marcos destaca que o grupo dos Doze foi constituído para estar com Jesus, para pregar e para ter autoridade sobre os demônios (3,14-15). Por ocasião do envio missionário, Jesus lhes dá instruções sobre a missão a ser desenvolvida e lhes confere autoridade sobre os espíritos impuros (6,7). Tal missão é aparentemente bem-sucedida, conforme o próprio autor relata em 6,13. Dessa forma, o que teria acontecido para que agora os discípulos não tivessem forças na realização do exorcismo?

O verbo ἰσχύω indica “ser forte, robusto”, “estar em boa forma”, “ter força”, “ser capaz”. A expressão οὐκ ἴσχυσαν pode ser entendida como “não foram suficientemente fortes”. O versículo evoca aquela imagem de Mc 3,27 na qual o “mais forte” vence Satanás e o despoja de seus bens.

²¹ PLATÃO, Crat. 384c.

²² LÉGASSE, S., Marco, p. 462. Carece de fundamento a hipótese segundo a qual o rosto e as vestes de Jesus ainda brilhavam ao descer do monte da transfiguração. Há quem veja no espanto da multidão uma alusão a Ex 32–33 (NÜTZEL, J. M., Die Verklärungserzählung im Markusevangelium, p. 160-161). Mas a maior parte dos estudiosos discorda dessa opinião (ANDERSON, H., The Gospel of Mark, p. 229; ZENI, S., La simbólica del grido nel Vangelo di Marco, p. 112).

A reação de Jesus é um grande lamento: “Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei?” (v. 19bcd)²³. A opinião dos estudiosos acerca dos destinatários do lamento é bastante variada. Há quem pense que ele se dirige aos escribas, ou às multidões, ou ao pai do jovem²⁴. Mas o mais provável é que se dirija também aos discípulos, pois eles já tinham recebido a autoridade de expulsar demônios por ocasião do envio missionário, mas agora se evidencia o quanto eles estão distantes de Jesus²⁵.

Só então Jesus ordena que tragam o menino para perto. Diante do Senhor, o espírito contorce o menino e ele rola por terra, espumando (v. 20). Em geral, os espíritos pressentem a chegada de seu algoz e manifestam seu desagrado por meio de reações como gritos e fortes agitos (1,23-24.26; 3,11; 5,6-7).

2.2. Jesus e o pai do menino (v. 21-24)

καὶ ἐπηρώτησεν τὸν πατέρα αὐτοῦ·	21a	Então perguntou ao seu pai:
πόσος χρόνος ἐστὶν ἴως τοῦτο γέγονεν αὐτῷ;	21b	“Há quanto tempo isto lhe acontece?”
ὁ δὲ εἶπεν· ἐκ παιδιότηεν ²⁶ .	21c	Então disse: “Desde a infância.
Καὶ πολλάκις καὶ εἰς πῦρ αὐτὸν ἔβαλεν καὶ εἰς ὕδατα	22a	E frequentemente o lança no fogo e na água

²³ A palavra *γενεά* geralmente significa “geração”, mas considerando os apelativos que a seguem (geração *adúltera*, Mc 8,38; *malvada*, Mt 12,45; *malvada e adúltera*, Mt 12,39; 16,4; *incrédula e perversa*, Mt 17,17; Lc 9,41), possui geralmente um valor negativo (BÜCHSEL, F., *γενεά* κτλ., p. 391).

²⁴ Gundry considera que o lamento se dirige ao pai e à multidão, mas não aos discípulos (GUNDRY, R. H., *Mark*, vol. II, p. 489).

²⁵ WILLIAMSON JR., L., *Marco*, p. 228. VAN DER LOOS, H., *The miracles of Jesus*, p. 399.

²⁶ Advérbio de tempo, “desde a infância” (LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., *Greek-English Lexicon*, p. 1287). *Hapax* neotestamentário. A frase *ἐκ παιδιότηεν* não corresponde exatamente a *ἐκ νεότητός* (“desde a juventude”), presente em Mc 10,20, uma expressão estereotipada empregada para sublinhar que aquele que fala tem já uma certa idade.

ἵνα ἀπολέσῃ αὐτόν·	22b	para o destruir.
ἀλλ' εἴ τι δύνῃ,	22c	Mas se podes [fazer] algo,
βοήθησον ἡμῖν σπλαγχνισθεῖς ἐφ' ἡμᾶς.	22d	ajuda-nos tendo compaixão de nós”.
ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ·	23a	Então Jesus lhe disse:
Ἐὰν εἴ δύνῃ,	23b	“Se podes,
πάντα δυνατὰ τῷ πιστεύοντι.	23c	tudo é possível ao que crê”.
Ἐκτοῦ κράζας ὁ πατὴρ τοῦ παιδίου ἔλεγεν·	24a	De repente, o pai do menino tendo gritado, dizia:
πιστεύω·	24b	“Creio!
Βοήθει μου τῇ ἀπιστίᾳ.	24c	Ajuda a minha falta de fé!”

Através do diálogo com o pai do menino, Jesus toma ciência de que a influência maligna atormenta o jovem desde a infância (v. 21c) e que até mesmo sua vida estava

²⁷ Belano entende esse artigo com função pronominal. A tradução seria “Este ‘se podes’! Tudo é possível...” (BELANO, A., *Il Vangelo secondo Marco*, p. 638). Por sua vez, BI-D 267,2 entende o artigo seja como acusativo de relação (“No que diz respeito a, [eu te digo] tudo é possível ao que crê”), seja como nominativo absoluto (“Se tu podes! Tudo é possível...”). Este último sentido estaria ligado a uma figura de linguagem chamada aposiopese (ou reticência), onde o discurso se interrompe por emoção ou temor (BI-D 482,1).

em perigo, pois já fora lançado no fogo e na água (v. 22a). Essa informação indica que o espírito impuro quer efetivamente destruir a vida do menino (v. 22b). O verbo ἀπόλλυμι do v. 22b, no grego clássico, era entendido em sentido literal de “destruir”, “matar”²⁸, e ele se mantém no relato marcano. Percebe-se o contexto de um grande combate.

Mas o ponto nevrálgico do diálogo está no v. 22cd. Diante do fracasso dos discípulos, agora o pai parece duvidar que o próprio Jesus seja capaz de expulsar o espírito: “Mas se podes fazer algo, ajuda-nos tendo compaixão de nós!”. Aqui comparece o verbo δύναμαι, termo que ocorre 33 vezes em Marcos. Normalmente o verbo é usado com um infinitivo expresso ou implícito (como é o presente caso). A falência dos discípulos afetou a credibilidade do pai do menino na autoridade de Jesus. Ele pensa que o Senhor não estava à altura ou não era capaz de tão grande feito²⁹.

Ademais, o pedido desse homem revela que a influência maligna não recaía apenas sobre o jovem: o pronome pessoal ἡμῖν/ἡμᾶς no v. 22d mostra que todos os que circundavam o jovem eram igualmente afetados pelos efeitos de semelhante ação. No entanto, ele apela para a compaixão de Jesus, que mais do que um simples afeto, denota o grande motor das intervenções divinas ao longo da história, e uma característica que também identifica o próprio Jesus em sua identidade messiânica.

A resposta de Jesus traz a chave para o êxito na empreitada: “tudo é possível ao que crê” (v. 23c). Através desse diagnóstico Jesus identifica a causa do fracasso dos discípulos. Antes, também se referindo ao grupo dos Doze e a todos ali reunidos, Jesus tinha classificado aquela geração como “incrédula” (ἄπιστος, v. 19b). Agora comparece de novo o tema da fé, o que não é de se espantar. Uma vez que a luta contra os espíritos do mal está associada à inauguração do Reino, deve-se recordar que desde o anúncio programático, Reino e fé estavam igualmente associados (1,15). O que Jesus faz é desviar a atenção do próprio poder para o poder da fé³⁰.

Agora é a vez do pai confessar a sua insuficiência na fé. Ele crê, mas trata-se de uma “fé incrédula”. Este é um esplêndido oximoro que retrata não apenas a condição desse pai em seu drama pela salvação de seu filho, mas também a dos discípulos³¹. Embora tivessem uma fé incipiente, ela não foi suficientemente forte para realizar tal obra. Como recorda Gnilka, apenas Jesus pode pronunciar a frase acerca da onipotência do que crê, pois apenas Ele pode prometer essa fé³².

²⁸ HOMERO, II, 5,648.

²⁹ EVANS, C. A., Mark 8,27–16,20, p. 52.

³⁰ ZENI, S., La simbolica del grido nel Vangelo di Marco, p. 115.

³¹ ZENI, S., La simbolica del grido nel Vangelo di Marco, p. 116.

³² GNILKA, J., Evangelio según San Marcos, vol. II, p. 55.

2.3. Jesus e o espírito impuro (v. 25-27)

Ἴδὼν δὲ ὁ Ἰησοῦς ὅτι ἐπισυντρέχει ἴσθλος,	25a	Então, vendo Jesus que a multidão acorre,
ἐπετίμησεν τῷ πνεύματι ἁκαθάρτῳ λέγων αὐτῷ·	25b	repreendeu o espírito impuro dizendo-lhe:
τὸ ἄλαλον καὶ κωφὸν πνεῦμα, ἐγὼ ἐπιτάσσω σοι ² ,	25c	“Espírito mudo e surdo, eu te ordeno,
ἔξελθε ἐξ αὐτοῦ	25d	sai dele
καὶ μηκέτι εἰσέλθῃς εἰς αὐτόν.	25e	e não mais entres nele”.
Καὶ κράξας	26a	E tendo gritado
καὶ πολλὰ σπαράξας	26b	e, tendo[-o] torcido intensamente,
ἔξῆλθεν ¹ .	26c	saiu
καὶ ἐγένετο ὡσεὶ νεκρός,	26d	e tornou-se como morto,
ὥστε ὁ τοὺς πολλοὺς λέγειν ὅτι	26e	de modo que muitos diziam:

ἀπέθανεν.	26f	“Morreu”.
ὁ δὲ Ἰησοῦς κρατήσας τῆς χειρὸς αὐτοῦ	27a	Mas Jesus, tendo segurado suas mãos
ἤγειρεν αὐτόν,	27b	ergueu-o
καὶ ἀνέστη.	27c	e se levantou.

Finalmente é chegado o momento do confronto entre Jesus e o espírito impuro. A ação exorcística é descrita a partir de alguns verbos e se distancia bastante da prática ordinária. Não se fala de imposição de mãos, de feitiços ou de invocação do nome de um grande personagem³³. Antes de tudo, ele “repreendeu” o espírito. O verbo ἐπιτιμάω designa “intimar”, “reprovar”, “proibir”, “ordenar severamente”. A única força aqui presente é a da própria palavra de Jesus e de sua autoridade. Destaca-se o uso do pronome pessoal (“Eu te ordeno”)/ἐγὼ ἐπιτάσσω σοι, v. 25c) indicando a fonte da autoridade, ou seja, é o próprio Jesus que por virtude própria é capaz de realizar o prodígio³⁴.

A seguir, Jesus intima: “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e não entres mais nele” (v. 25cde). Agora o espírito é qualificado de mudo e surdo (τὸ ἄλαλον καὶ κωφὸν πνεῦμα), no entanto, a autoridade da palavra de Jesus vence até mesmo a surdez do espírito. Légasse³⁵ considera que o silêncio deriva do fato de ele ser mudo, incapaz de falar. Entretanto, seguindo esse raciocínio, se ele não fala porque é mudo, também não deveria ouvir, uma vez que é surdo³⁶. A ordem dada no monte da transfiguração de ouvir a Jesus é ironicamente atendida por um espírito surdo-mudo³⁷.

³³ FLÁVIO JOSEFO, Ant. 8,46-49; Jubileus 10,1-13.

³⁴ É significativo que nos exorcismos, Jesus não utilize nenhuma técnica conhecida ou recorra a determinados aparatos mágicos. Enquanto alguns apelavam para a autoridade de exorcistas famosos, ele pronuncia tão somente este “Eu” e seu uso é significativo em sua compreensão como exorcista (TWELFTREE, G. H., Demon, Devil, Satan, p. 168).

³⁵ LÉGASSE, S., Marco, p. 463.

³⁶ ZENI, S., La simbólica del grido nel Vangelo di Marco, p. 119-120.

³⁷ EVANS, C. A., Mark 8,27–16,20, p. 54.

Zeni, percorrendo as histórias de exorcismo em Marcos, reflete sobre a função pragmática do grito. Nos relatos de exorcismo encontram-se perguntas retóricas (1,24; 5,7) que criam uma espécie de espaço vazio que permite o próprio leitor tomar a palavra e dar a sua resposta pessoal. Há ainda fórmulas de reconhecimento (1,24; 3,11), em geral, parciais e equívocas, por não nascerem do conhecimento experiencial de Jesus. Há ainda uma afirmação (1,24) e uma súplica (5,7), mas o mais eloquente de todos é justamente o silêncio (9,26). Ele é uma espécie de ponto de chegada do leitor que, ouvindo esse grito vazio, confirma a autoridade de Jesus³⁸.

Diferentemente de outras ocasiões, nas quais os espíritos confrontam Jesus através de um diálogo hostil (Mc 1,24; 5,7), aqui a reação é simplesmente a de um grito inarticulado e da violência física. Esse aspecto é tão marcante, a ponto de as pessoas considerarem que o menino morreu. A escolha do vocabulário empregado aqui não é certamente fortuita, mas chama a atenção do leitor para outras passagens do evangelho. Aparecem o adjetivo “morto” (νεκρός, v. 26d) e o verbo “morrer” (ἀποθνήσκω, v. 26f). À primeira vista, o espírito saiu vitorioso do combate. Mas a vitória é apenas fictícia, pois Jesus, segurando suas mãos, “ergueu-o e ele se levantou” (ἤγειρεν αὐτόν καὶ ἀνέστη, v. 27bc). Novamente, a escolha dos termos merece destaque: os verbos “erguer” (ἐγείρω) e “levantar” (ἀνίστημι) fazem parte do vocabulário próprio para descrever a ressurreição de Jesus. Assim como o espírito maligno parece vencer no caso do menino, mas trata-se de uma vitória aparente, pois é ele o grande derrotado, da mesma forma no combate da cruz, a vitória do Mal é igualmente falsa, pois o Senhor sairá vitorioso e derrotará o pecado e a morte.³⁹

2.4. Jesus e os discípulos (v. 28-29)

Καὶ εἰσελθόντος αὐτοῦ εἰς οἶκον	28a	E tendo ele entrado em casa
οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ κατ’ ἰδίαν ἐπηρώτων αὐτόν·	28b	os seus discípulos, à parte, perguntavam-lhe:

³⁸ ZENI, S., La simbólica del grido nel Vangelo di Marco, p. 123-124.

³⁹ GONZÁLES FAUS, I., Jesús y los demonios, p. 509.

Ἔτι ἡμεῖς οὐκ ἠδυνήθημεν ἐκβαλεῖν αὐτό;	28c	“Por que não pudemos expulsá-lo?”
Καὶ εἶπεν αὐτοῖς·	29a	E disse-lhes:
τοῦτο τὸ γένος ἐν οὐδενὶ δύναται ἐξελεθεῖν εἰ μὴ ἐν προσευχῇ ^{T40} .	29b	“Este tipo não se pode expulsar senão com oração”.

Os dois versículos finais são ambientados na casa (v. 28a), esse lugar todo especial no Evangelho de Marcos que delimita o espaço da comunidade. Ali os discípulos interrogam a Jesus acerca de seu fracasso, querem saber por que não puderam expulsar o espírito impuro do menino. No v. 28c comparece o verbo δύναμαι que já tinha aparecido no v. 22c. Na primeira ocorrência, o pai duvidava do poder de Jesus de libertar o menino. Aqui são os discípulos que querem entender as causas da falta de poder.

Diz Jesus: “Esse tipo não se pode expulsar senão com oração”⁴¹. A palavra que aqui foi traduzida por “tipo” (γένος, v. 29b) indica a “estirpe”, o “gênero”, a “nacionalidade”. Belano⁴² vê uma relação entre essa palavra e a expressão “geração incrédula” (γενεὰ ἄπιστος, v. 19b). Seria o espírito de incredulidade aquele que Jesus veio eliminar?

De qualquer forma, o caminho é um somente: a oração. A palavra aparece duas vezes em Marcos e não vem acompanhada de artigo definido por não se referir a algo específico, como a uma fórmula fixa a ser empregada nos exorcismos. Trata-se, na verdade, de uma atitude, do espírito de oração. Através da oração o discípulo entra em perfeita sintonia com Deus, de modo que suas atitudes são fecundadas pela força do Senhor. A oração em Marcos não é manipulação de Deus para arrancar dele

⁴⁰ A expressão ἐν προσευχῇ é um exemplo de ἐν instrumental devido ao influxo semítico. A preposição grega traduz aquela hebraica ך empregada para exprimir não um complemento de lugar, mas de meio ou instrumento (BI-D §195).

⁴¹ Achtemeier afirma que Marcos teria adaptado em sua narrativa uma história recebida da tradição anterior, e isso se evidencia pelo fato de o centro dos v. 28-29 ser o poder da oração, ao passo que o foco da história é o poder da fé (v. 19.23-24): ACHTEMEIER, P. J., *Miracles and historical Jesus*, p. 476.

⁴² BELANO, A., *Il Vangelo secondo Marco*, p. 643.

determinados favores, é antes comunhão com Ele no deserto (1,12.35; 6,46) e luta solitária na noite para submeter a própria vontade ao querer de Deus (14,32-42)⁴³. O êxito do ministério apostólico não se fundamenta nas habilidades do discípulo, mas na capacidade que ele tem de deixar transparecer a ação de Deus através de suas atitudes. Nesse sentido, a autossuficiência arrogante, a confiança excessiva em si mesmo e em suas habilidades bloqueiam a ação divina através do ministério dos discípulos.

3. A autoridade de Jesus e o fracasso dos discípulos

Há quem pense que o texto evangélico teria sido composto para responder à comunidade marcana a respeito de eventuais fracassos em sua atividade missionária⁴⁴. Uma vez que a Igreja das origens era tão próspera em prodígios, como explicar uma eventual escassez ou a incapacidade de operar semelhantes atos? Já que o Ressuscitado sustenta e permanece com sua igreja, por qual razão os portentos de outrora estão apenas no passado?

Inicialmente, o evangelista ajuda seus leitores a perceber que quando vistos de maneira isolada, os milagres de Jesus – sejam eles curas, exorcismos, reanimações, dentre outros – correm o risco de ser mal compreendidos. Isso porque eles não foram feitos para comprovar o poder ou a divindade de Jesus. O milagre é sempre uma ocasião para se descobrir algo acerca da identidade do Senhor. Nesse sentido, ele funciona como uma espécie de pregação, porém feita por outras vias. Ou seja, Jesus ensina quando prega e também ensina quando realiza milagres.

No caso dos exorcismos, o ensinamento que serve de pano de fundo é sempre a luta cósmica entre Deus e as forças do mal. Israel esperava que nos últimos dias os inimigos seriam derrotados e aqueles que perseveraram na fidelidade seriam recompensados. A aniquilação dos espíritos impuros, que agem para trazer perturbação e dor para os seres humanos, na compreensão do evangelista, é um acontecimento escatológico. Ao realizar isso que era ansiosamente esperado pelos crentes, verifica-se aquilo que fora anunciado pelo próprio Jesus: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15). A chegada do Reino inaugura esses novos tempos livres da dor e da influência maligna.

Entretanto, a comunidade também é instada a colaborar de alguma forma para que o Reino se difunda. Embora seja um dom da graça, todos são chamados a abrir-se numa atitude de acolhida da oferta de Deus. A resposta do homem ao convite de Deus no

⁴³ WILLIAMSON JR., L., Marco, p. 230.

⁴⁴ GNILKA, J., Evangelio según San Marcos, vol. II, p. 56. Essa não é a opinião de GUNDRY, R. H., Mark, vol. II, p. 498.

evangelho recebe o nome de fé. Este é o meio pelo qual o ser humano se torna partícipe do Reino.

Ao longo do Evangelho de Marcos os discípulos vão sendo envolvidos gradualmente no ministério de Jesus. Eles foram convocados para estarem com Ele (3,14), mas também recebem a incumbência de pregar e a autoridade de combater os demônios (3,14-15; 6,12-13). Aparentemente seu ministério era bem-sucedido, mas ao ler o relato marcano percebe-se que os discípulos não estavam assim tão comprometidos com o projeto de Jesus. A resposta da fé era por vezes inconstante, a ponto de o próprio Jesus, repetidas vezes, censurar-lhes por sua incredulidade (4,40; 6,51-52; 8,17-21).

O abismo entre Jesus e os discípulos se torna ainda mais evidente por ocasião dos anúncios da paixão (8,31; 9,30-32; 10,32-34). Sempre que Jesus fala acerca de seu destino de sofrimento e morte, logo a seguir insere algum tipo de reação negativa da parte dos discípulos. Depois do primeiro anúncio, Pedro repreende Jesus pelo conteúdo de suas palavras (8,32). Após o segundo anúncio, os discípulos ignoram solenemente suas palavras e começam a discutir sobre quem era o maior (9,33-34). Por fim, depois do terceiro anúncio, os filhos de Zebedeu se aproximam e pedem para se sentarem à direita e à esquerda na glória (10,37). Como se percebe, não basta acompanhar Jesus: segui-lo implica na adesão de seu projeto de vida, e os discípulos ainda não tinham condições de responder com fé à altura do chamado. “Crer” em Marcos equivale a “ser discípulo”⁴⁵.

O episódio do menino endemoninhado destaca a distância que havia entre os Doze e Jesus. Também eles ouvem a repreensão de Jesus sobre a “geração incrédula” (9,19b). Quando, em casa, Jesus explica a razão de seu fracasso atribuindo-a à falta de oração, isso não indica uma fórmula mágica, mas uma atitude. A oração é a resposta do homem que crê no poder de Deus. Pela oração, o homem se submete ao querer do Pai do céu, a exemplo do próprio Jesus (14,36). Ele mesmo assevera que é necessário orar e vigiar para não cair em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca (14,38), de modo que a fé não é algo que possuímos de maneira segura e definitiva. Ela deve ser renovada e buscada através da oração⁴⁶.

O evangelho está arquitetado de forma a ajudar o leitor a perceber a diferença entre as expectativas dos discípulos e a proposta de Jesus. Após o episódio do exorcismo que aqui foi abordado, Marcos coloca o segundo anúncio da paixão e a discussão sobre quem é o maior (9,30-37). Logo depois disso, com um certo tom de ironia, o evangelista fala de uma queixa de João a Jesus. “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia” (9,38). Essa passagem é extremamente esclarecedora, pois mostra o contraste entre o fracasso dos

⁴⁵ FRANCE, R. T., Faith, p. 223.

⁴⁶ ANDERSON, H., The Gospel of Mark, p. 231.

Doze e o êxito desse exorcista anônimo. Além disso, o problema trazido por João é que ele “não nos segue”. Ora, mas desde quando o seguimento é aos discípulos? A fé em Jesus não é propriedade exclusiva do grupo dos Doze. O aparente sucesso do exorcista anônimo reside no fato de ele ter feito aquilo que os discípulos não foram capazes: ele confiou no nome de Jesus.

Desse modo, verifica-se que o problema da autoridade está intimamente relacionado com o da fé. A autoridade do discípulo não é uma virtude própria, mas uma consequência de sua adesão a Jesus. É sempre o Senhor o protagonista da missão. Porém, se o desenlace não é positivo, isso se explica pela dureza de coração daqueles que dizem ser seus discípulos.

Conclusão

O texto evangélico aqui analisado, ofereceu a oportunidade de refletir sobre um importante tema relacionado com o discipulado. É evidente que a falência dos discípulos no episódio do menino endemoninhado não é algo determinante ou definitivo. Ao contrário, o evangelista apresenta o itinerário de fé desses homens que, entre contradições e fraquezas, foram chamados a responder convenientemente a Jesus. O processo formativo dos discípulos só se concluirá com o episódio da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Sem experimentar esses acontecimentos, os discípulos não são capazes ainda de entender a real identidade do Mestre e o tipo de missão que lhes tinha sido confiada pelo Senhor. Uma vez que o trauma da cruz for vencido pelo anúncio feliz da manhã de Páscoa, então a fé dos discípulos será solidificada e eles entenderão aquilo que devem fazer.

Os textos marcanos mostram que a fonte da autoridade de Jesus é seu próprio ser e sua palavra. Este “Eu” pronunciado de maneira enfática (v. 25c) revela ao leitor que é Ele o sujeito de qualquer ação na comunidade. O discípulo é aquele que reconhece sua total dependência e somente quando assim o faz, recebe esse dom da autoridade de Jesus. O relato funcionaria, dessa forma, como uma espécie de paradigma a ser observado pela comunidade: na medida em que o discípulo se apoia na autoridade de Jesus, tal confiança garantiria o êxito na missão. Por outro lado, quando o seguidor de Jesus age de modo autossuficiente, pensando estar nele mesmo a razão do bom êxito da atividade, então o que se experimenta é o fracasso. A força do discípulo reside na total dependência do poder do Mestre.

Como se viu, a autoridade é sempre exercida em função do bem do outro. Qualquer uso da palavra autoridade que sirva de pretexto para subjugar ou oprimir, trata-se de uma deturpação diabólica. Jesus é sempre o modelo da comunidade e o discípulo só será digno desse nome se souber imitar aquele que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (10,45).

Referências bibliográficas

ACHTEMEIER, Paul J. Miracles and historical Jesus: a study of Mark 9:14-29. **Catholic Biblical Quarterly** v. 37, 1975, p. 471-491.

ANDERSON, Hugh. **The Gospel of Mark**. London: Oliphants, 1976.

BELANO, Alessandro. **Il Vangelo secondo Marco**: Traduzione e analisi filológica. Roma: Aracne, 2008

BÜCHSEL, Friedrich. γενεά κτλ. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (edd.). **Grande Lessico del Nuovo Testamento**, vol. II. Brescia: Paideia, 1966, p. 391-398.

CASAS GARCÍA, V. Jesús, el exorcista. **Biblia y Fe. Revista di Teología Bíblica** v. 6, 1980, p. 28-40.

CONYBEARE, Frederick Cornwallis. **The Testament of Solomon**. New Jersey: Georgias Press, 2007.

DONAHUE, John R.; HARRINGTON, Daniel J. The Gospel of Mark. In: HARRINGTON, Daniel J. (ed.) **Sacra Pagina Series 2**. Collegeville: The Liturgical Press, 2002.

EVANS, Craig A. Mark 8,27–16,20. In: METZGER, B.; HUBBARD, D. A.; BARKER, G. H. (edd.) **Word Biblical Commentary** 34B. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.

FÁVIO JOSEFO. **Antigüedades de los Judíos**. Barcelona: Editorial Clie, 2013.

FRANCE, Richard T. Faith. In: GREEN, Joel B.; McKNIGHT, Scot; MARSHALL, I. Howard (edd.) **Dictionary of Jesus and the Gospels**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1992, p. 223-226.

GLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. **Grammatica del Greco del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1997, 2ª ed.

GNILKA, Joachim. **Evangelio según San Marcos**, vol. I-II (I: 1,1–8,26; II: 8,27–16,20). Salamanca: Sígueme, 2005.

GONZÁLEZ FAUS, Ignacio. Jesús y los demonios: Introducción cristológica a la lucha por la justicia. **Estudios Eclesiásticos** v. 52, 1977, p. 487-519.

GREEN, Joel B. Kingdom of God/Heaven. In: GREEN, Joel B.; McKNIGHT, Scot; MARSHALL, I. Howard (edd.) **Dictionary of Jesus and the Gospels**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1992, p. 468-481.

GUNDRY, Robert H., **Mark**: A commentary on his apology for the cross, vol. II. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

HOMERO. **Iliade**. Milano: RCS Libri, 2003.

HOMERO. **Odissea**. Milano: RCS Libri, 2008.

LEE-POLLARD, Dorothy A., Powerlessness as power: A key emphasis in the Gospel of Mark. **Scottish Journal of Theology** v. 40, n. 2, 1987, p. 173-188.

LÉGASSE, Simon. **Marco**. Roma: Borla, 2000.

Libro dei Giubilei. In: SACCHI, Paolo. **Apocrifi dell'Antico Testamento**, vol. 1. Torino: UTET, 1981, p. 179-411.

LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert. **Greek-English Lexicon**: With a revised supplement. Oxford: Clarendon Press, 1996.

NÜTZEL, Johannes Maria. **Die Verklärungserzählung im Markusevangelium**: eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung. Würzburg: Echter, 1973.

PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel. **Textos Fuente y Contextuales de la Narrativa Evangélica**: Metodología aplicada a una selección del evangelio de Marcos. Estella: Verbo Divino, 2008.

PLATÃO, Cratylus. In: COOPER, John M. **Plato**: Complete Works. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1997, p. 101-156.

SELLEW, Philip. Composition of didactic scenes in Mark's Gospel. **Journal of Biblical Literature** v. 108, 1989, p. 613-634.

STERLING, Gregory E. Jesus as exorcist: an analysis of Matthew 17:14-20; Mark 9,14-29; Luke 9,37-43a. **Catholic Biblical Quarterly** v. 55, 1993, p. 467-493.

TWELFTREE, Graham H. Demon, Devil, Satan. In: GREEN, Joel B.; McKNIGHT, Scot; MARSHALL, I. Howard (edd.) **Dictionary of Jesus and the Gospels**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1992, p. 163-171.

VAN DER LOOS, Hendrik. **The miracles of Jesus**. Leiden: Brill, 1965.

WILLIAMSON JR., Lamar. **Marco**. Torino: Claudiana, 2004.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a11

ZENI, Stefano. **La simbolica del grido nel Vangelo di Marco**: Aspetti antropologici e teologici. Bologna: EDB, 2019.

Heitor Carlos Santos Utrini

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino

Docente no Departamento de Teologia da PUC-Rio

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

E-mail: hcsutrini@puc-rio.br

Recebido em: 21/09/2024

Aprovado em: 17/12/2024